

# CONHECIMENTO, ESCLARECIMENTO E DOMINAÇÃO – O CONHECIMENTO COMO PROMOTOR TANTO DA AUTONOMIA QUANTO DA HETERONOMIA À LUZ DO PENSAMENTO DE ADORNO & HORKHEIMER

Priscilla da Silva Rodrigues<sup>1</sup>

## Resumo

Meu objetivo é mostrar, à luz da interpretação de Adorno & Horkheimer, a contribuição do conhecimento na dupla função atribuída ao esclarecimento, a saber, a ideal, que se resume na crença iluminista de alcançar através dele um estado de bem-estar e felicidade humanos, e a que prevaleceu e deu frutos na sociedade contemporânea, que é a de dominação e manipulação da natureza e dos homens. Para desenvolver o tema, procurarei explicar esta dupla tarefa do esclarecimento, acima referida, e também a forma como se dá esse processo de dominação da natureza externa e também interna dos homens. Ao esclarecer este ponto, procurarei esboçar o sofrimento causado aos homens por não conseguirem fazer uso do conhecimento com vistas a promover a tarefa dita ideal do esclarecimento. Sua não realização provoca um distanciamento do indivíduo de seu objetivo maior, que é o alcance de sua felicidade, na aquisição do conhecimento. Neste ponto, pretendo utilizar como fonte, além da *Dialética do Esclarecimento*, algumas contribuições da comentadora Olgária de Matos contidas em seu artigo “A melancolia de Ulisses” (MATOS, 1987). Trarei neste trabalho uma breve explanação da interpretação da comentadora acerca do efeito da renúncia do homem aos seus desejos no contexto de uma sociedade que tem como cânon a razão instrumental. No seu desenvolvimento, trarei ainda algumas teses contidas na obra *Dialética do Esclarecimento*.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Esclarecimento. Autonomia. Heteronomia. Dominação.

## Abstract

I intend to show, based on the interpretation of Adorno & Horkheimer, the contribution of knowledge in the dual role assigned to enlightenment: the ideal, which is summarized in the Enlightenment belief to achieve through it a state of welfare and the human happiness and that prevailed and bore fruit in contemporary society, which is the domination and manipulation of nature and man. To develop the theme, I will try to explain this dual task of enlightenment, above, and also how this process takes domination of external nature and also internal men. To clarify this point, try to sketch the suffering caused to the men due to the fact of them they cannot make use of knowledge in order to promote the ideal of enlightenment said task. Its realization causes a distancing of the individual from his larger goal, which is the scope of your happiness, in the acquisition of knowledge. At this point, I going to use as a source beyond the Dialectic of Enlightenment, some contributions from teacher Olgária de Matos contained in his article “The Melancholy of Ulysses” (Matos, 1987). I will bring in this work a brief explanation of the interpretation of the commentator on the effect of the resignation of the man to his wishes in the context of a society whose canon is an instrumental reason. In the course of the work, I will still bring in the work some theses contained *Dialectic of Enlightenment*.

**Keywords:** Knowledge. Clarification. Autonomy. Heteronomy. Domination.

## 1. O conhecimento como instrumento para o esclarecimento.

Segundo a obra *Dialética do Esclarecimento* (Adorno; Horkheimer, 1985), o homem desde sempre enxergou na explicação e no conhecimento artificios capazes de livrá-lo do medo e da angústia manifestados diante do desconhecido e da imensidão da natureza externa e de conceder a ele esperança e meios de sobrevivência. Esse ato de esclarecimento que busca aplacar todo medo

<sup>1</sup> Discente do Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso.

e angústia pode ser verificado, para os autores, tanto nos primórdios da cultura ocidental quanto no iluminismo<sup>2</sup> filosófico dos séculos XVII e XVIII (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13. Cf. MATOS, 1987, p.141). Esta ideia, vale dizer, corresponde á uma das teses da *Dialética* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O conhecimento sempre foi aliado do Esclarecimento<sup>3</sup>. Isto porque o homem sempre buscou nele uma forma de se esclarecer. Seu verdadeiro objetivo nisso, porém, acabou por se perverter numa busca cega pela dominação da natureza externa (extra humana, que pode ser interpretada como o meio ambiente natural<sup>4</sup>, a *res extensa*<sup>5</sup>) e interna (intra humana, onde localizam-se os instintos e impulsos naturais aos homens, seus desejos e paixões<sup>6</sup>) dos homens para, desse modo, submeter não só a primeira ao seu desejo, mas também os demais homens. Que verdadeiro objetivo era esse? O de não só afastar, com a aquisição racional de conhecimento, a escuridão causada pela ignorância como também de promover “um estado verdadeiramente humano” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.11), capaz de proporcionar a felicidade e maior bem-estar aos homens. Porém, ao invés de alcançá-lo, para Adorno e Horkheimer nós estamos nos “[...] afundando em uma nova espécie de barbárie”. Mas por quê? Porque o fim a que este conhecimento racional veio sendo empregado pelo Esclarecimento possui a mesma finalidade que a explicação no mito e na magia (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20-22), a saber, a de buscar conter a natureza externa e interna aos homens, senão dominá-la.

### 1.1. Conhecer é adquirir poder para dominar: o Esclarecimento como instrumento de dominação

Para os autores, já existia no mito a dominação interna e externa ao sujeito. Já havia lá o germe do autocontrole do sujeito para o cumprimento de seu papel social e também o controle das coisas e do outro como meio para o alcance do fim almejado. Esta afirmação exprime aliás outra tese da *Dialética* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) de que “a submissão de tudo aquilo que é natural ao sujeito autocrático culmina exatamente no domínio de uma natureza e objetividade cegas”. Para Adorno, “todos os progressos nos âmbitos culturais são aqueles de domínio material, de técnica” (ADORNO *apud* DUARTE, 1993, p. 71). Isso fica evidente principalmente quando observamos a relação que os homens sempre estabeleceram com a natureza externa, em especial, com os demais animais, que sempre foi sistematicamente explorado pelos homens<sup>7</sup>: “o homem possui a razão, que prossegue impiedosamente; o animal, do qual ele tira a conclusão sanguinolenta, só tem o pavor irracional, o instinto da fuga que lhe é vedada” (ADORNO, 1985, p.202). Até mesmo numa floresta ou num jardim zoológico, por exemplo, onde haja preservada a natureza, há dominação humana. Ela só está preservada porque os homens deixaram ou quiserem que assim o fosse. Vejamos um trecho de um texto em que Adorno trata deste último (do jardim zoológico):

2 Como recurso didático, utilizarei a palavra Esclarecimento (com e maiúsculo) para representar este movimento iluminista dos séculos XVII e XVIII e esclarecimento (com e minúsculo) para representar o próprio ato de esclarecimento (de elucidação, do ato de explicar e clarificar uma ideia sobre algo, etc.).

3 Cf. nota 2.

4 Cf. DUARTE, 1993, pp.68-86.

5 Cf. DUARTE, 1993, p.87. Cf também DUARTE, Idem, nota 5.

6 Cf. *ibid*, pp. 87-96.

7 Cf. DUARTE, 1993, p.72.

(os animais) “*estão dispostos segundo a Arca de Noé, pois desde que eles existem, a classe burguesa espera pelo dilúvio. O uso dos jardins zoológicos para diversão e instrução parece um frágil pretexto. Eles são a alegoria de que um exemplar ou um par consolaria diante da ameaça da extinção do gênero enquanto gênero.* (ADORNO apud DUARTE, 1993, p.74. Meus acréscimos).

Tudo o que o sujeito autocrático pode controlar é por ele manipulado e revertido como meio, insumo, no cálculo pragmático que mantém o poder de poucos sobre muitos e o uso pretensamente amoral da técnica em prol da perpetuação da organização e papéis sociais típicos do mundo burguês e que garantem o capital para os que a dominam: “o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18).

A tentativa de controle dos eventos naturais já existente nos mitos<sup>8</sup>, provinha na magia da *mimesis* (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20-22), da imitação ou representação daquilo que se desejava combater, no intuito de estabelecer com o desconhecido um diálogo que conseguisse apaziguá-lo: “o feiticeiro torna-se semelhante aos demônios. Para assustá-los ou suavizá-los, ele assume um ar assustadiço ou suave” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.21). Era através da mimese que a magia em seus rituais buscava um meio de reconciliar-se com a natureza. Essa tentativa de diálogo com a natureza encerra-se no Esclarecimento, à medida que este julga que o conhecimento racional por ele produzido é superior aos mitos, à magia e também à própria natureza. Através da ciência, o esclarecimento iluminista enxerga a “natureza não mais qualitativa e animada, mas quantitativa e formalizada” (MATOS, 1987, p.142). Para o Esclarecimento, “desencantar o mundo é destruir o animismo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18); ele vê a natureza apenas como material de manipulação.

Porém, como no mito, o esclarecimento promovido pelo movimento iluminista do período supracitado também possui a função de “relatar, denominar, dizer a origem [...] fixar, expor, explicar” e principalmente de dominar a natureza. A diferença é que no iluminismo o número é o “Cânion do Esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.20). Há aqui a fixação da linguagem lógica das ciências empíricas e a técnica desenvolvida através dela como única instância capaz de esclarecer o mundo. O Esclarecimento, em outras palavras, não só suplanta o mito como passa a assumir as mesmas funções que este e recai no mito por causa dessa tentativa de substituí-lo, rompendo, contudo, qualquer laço existente entre nós e a natureza. “Todo conteúdo, ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.23).

Vale dizer, contudo, que a Ciência ocidental está mais próxima da magia que do mito para os autores, pois adota a representabilidade da magia em sua ação (cf. DUARTE, 1993, p.59, §2). A ciência porém, diferencia-se da magia por criar um distanciamento progressivo com relação ao objeto (cf. DUARTE, 1993, p.60), acabando assim com qualquer tentativa de diálogo entre sujeito e coisa e

8 Para Adorno & Horkheimer, os mitos “[...] que caem como vítimas do esclarecimento já era o produto do próprio esclarecimento”. Eles já eram, portanto, meios de dominação da natureza e dos indivíduos. Cf. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar, 1985, p.20 e p. 29.

deixando espaço apenas para a objetividade. Este distanciamento por sua vez provoca uma alienação dos homens em relação aos “objetos dominados”, aos demais homens e também do indivíduo com relação a si mesmo pois esse processo de objetivação foi estendido ao espírito humano e com ele o indivíduo aprendeu a lidar com as coisas, pessoas e até seus próprios sentimentos de modo pragmático; ou seja, somente à medida que estas lhe forem úteis.

De modo mais eficaz que a magia e o mito, o Esclarecimento iluminista dotou o homem do poder de dominação da natureza e acabou por substituir o mito e isso trouxe certo benefício ou “progresso”<sup>9</sup> no tocante às “habilidades e conhecimentos humanos” (DUARTE, 1993, p.69), pois desencantou o mundo e com isso os homens puderam dar-se conta da própria selvageria existente em si mesmo e, com ela, suprimir a selvageria existente na natureza externa (no meio ambiente) e nos demais homens. Tal avanço, porém, foi incapaz de impedir que os indivíduos se mantivessem subjugados e novamente presos a crenças, novas crenças, ao invés de promover o que prometia de diferente em relação ao mito e a magia, que era o bem-estar humano.

Segundo os autores, “credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações sociais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais” e o fomento a um conhecimento racional apenas instrumental pelo Esclarecimento “impediram um casamento feliz entre o entendimento humano com a natureza das coisas”, o que interrompeu a construção de conhecimentos efetivos acerca delas e acabou produzindo apenas “conceitos vãos e experimentos erráticos”. Experimentos estes que só vem conseguindo produzir invenções como a do canhão, da imprensa e da bússola por acaso. Ao invés de buscar meios que promovessem de algum modo a felicidade humana, o esclarecimento cientificista, próprio do período iluminista, esteve até então apenas a serviço da dominação da natureza e dos homens desprovidos de poder. Foi com esse intento, portanto, que o esclarecimento iluminista foi empregado em nossa sociedade.

Essa produção de conhecimento instrumental pelo Esclarecimento, portanto, está a serviço da dominação não só da natureza externa como também da dominação de si próprio e da dos demais homens. Essa tentativa humana de fazer uso do conhecimento e da explicação para dominar o mundo e aos homens pode ser vista para os autores desde a *Odisséia* de Homero (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pp. 22 – 27 e 47-70. Cf. também MATOS, 1987, p.141). Conhecer é poder.

De que modo ocorre essa dominação aos homens? Para exercer seu papel social, o indivíduo precisa afastar tudo o que possa causar qualquer desvio de sua função e do cumprimento da função de seus subordinados. Isso é a liberdade para Ulisses na *Odisseia*. Quanto mais conseguir controlar a “[...] natureza, em nós e fora de nós, através da decisão racional” (MATOS, *idem*), mais livre ele estará; quanto mais astuto e racional ele for, mais distante da sua natureza ele se encontrará: “o astucioso só sobrevive ao preço do seu próprio sonho” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.55), que paga “desencantando-se a si mesmo e desencantando as potências externas” (MATOS, 1987, p. 144). Sua renúncia aos desejos e a sua fama revelam que “[...] a dignidade do herói só se conquista mediante a humilhação do instinto contra uma completa, universal e indivisa felicidade” (MATOS, 1987, p. 144.

9 Cf. ADORNO *apud* DUARTE, 1993, p.70.

Cf. ADORNO;HORKHEIMER, 1985, pp. 50 - 60).

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.54), “A história da civilização é a história da intro-versão do sacrifício. Ou, por outra, a história da renúncia”. “A luta pela autoconservação e autonomia sempre se vinculou” portanto, “ao sacrifício, a repressão, a renúncia” (Adorno *apud* MATOS,1987, p.147. cf. ADORNO, 1985, pp.52-53). A tentativa de autoconservar-se nasce do medo de perder seu próprio eu, do “medo da morte, da autodestruição” (MATOS, 1987, p.142). Este pavor provoca “[...] um recolhimento egocêntrico do sujeito sobre si mesmo”. Nesse processo de recolhimento, há uma redução do plural à identidade, deixando assim de existir espaço para a alteridade, para o diferente. O outro para o indivíduo passa a não ter “[...] valor nenhum a não ser negativo: o outro é visto como hostil, perigoso e devendo ser dominado”. Principalmente porque a angústia e o medo, derivado da hipótese de seu eu sucumbir, é latente aos homens e o *outro*, desconhecido, sempre será temido. Ele é o próprio símbolo da angústia (cf. MATOS, 1987, p.142).

A viagem de Ulisses a Ítaca representa “o caminho da constituição do sujeito racional que deve rivalizar com as manifestações adversas da natureza exterior e interior” (MATOS, 1987, p.147). O preço que ele paga pelo culto à razão é a renúncia aos desejos e as paixões. Mas ele o faz visando a não dissolução de seu ego, pois o único modo de ele auto afirmar-se é rompendo com a natureza. Ocorre que a formação do eu se dá através da renúncia da natureza em prol da reafirmação da segunda natureza, “moldada por uma cadeia de renúncias” (MATOS, 1987, p.148). No episódio do Canto das sereias (Odisseia, canto XII), Ulisses não só não pode ceder ao irresistível canto, mas precisa impedir seus companheiros de ouvi-lo. Com os ouvidos tapados, estes nem ao menos puderam imaginar o quão irresistível era aquele canto. Ulisses, todavia, querendo ter acesso a ele, ordenou que fosse amarrado ao mastro, de modo que seu desejo de ir ao encontro das sereias pudesse continuar a não dominá-lo.

Nesse processo de renúncia, Ulisses sofre tendo consciência de seu sofrimento. “Por ser im-perfeita, a racionalidade necessita de regras que a tornem autossuficiente” (MATOS, 1987, 143). Ele mesmo impõe a si tal sofrimento ao tomar a decisão de renunciar a eles em nome da sua sobrevivência e a dos seus companheiros. Estes, por sua vez, nem ao menos chegaram a tomar consciência desse sofrimento, pois a eles fora negada tal tomada de decisão acerca da necessidade de renunciar seus desejos. Vale ressaltar ainda que esse ato de negação da sua natureza, porém, faz com que o indivíduo perca de vista a finalidade pela qual ele busca o dominar a natureza e também o *telos* da sua própria vida (cf. ADORNO;HORKHEIMER, 1985, p.53).

Não é por acaso que os autores reconhecem em Ulisses e seus “artifícios” perante aos desa-fios que surgem na epopeia “o protótipo da renúncia burguesa” (MATOS, 1987, p.145. cf. ADOR-NO;HORKHEIMER, 1985, p.47 e 54). A renúncia também é, portanto, o preço cobrado do homem pelo Esclarecimento burguês como condição de sua autoafirmação: ele também exige do sujeito a “sobriedade, realismo, avaliação correta e relações de força” (ADORNO. HORKHEIMER, 1987, p.55). É arriscando-se, sacrificando-se que Ulisses e também os burgueses se livram do sacrifício. Aí está, para Adorno e Horkheimer a origem da “teoria econômica burguesa” do risco como justificativa moral dos lucros (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.59). Esta é pois “a forma racional da mesmice mítica”. (DUARTE, 1993, p.72). “O núcleo comum entre os sacrifícios rituais” também contidos na

magia “e a *ratio* burguesa é o princípio da troca” . “O solitário astucioso já é o *homo economicus*” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.58). Por basear-se sempre no princípio da troca, o “progresso” iluminista acabou culminando na mesma regressão já pré-existente nos mitos e na magia, que pode ser sintetizada na ideia de renúncia oriunda de uma troca injusta: “[...] a troca desapareceria se algo verdadeiramente igual fosse trocado” (ADORNO *apud* DUARTE, 1993, p.72). Em geral, o preço que se paga, a renúncia ao que se deseja, é mais caro do que devia ser. O homem de posse do controle de si mesmo sofre por querer abrir mão deste e ceder aos impulsos naturais.

A epopeia da odisseia representa ainda a dolorosa passagem do homem da natureza à cultura. “[...] Todo processo civilizatório consiste no fato de que as pulsões devem ser reprimidas” (DUARTE, 1993, p.89). Só Ulisses, que não cede aos seus desejos, é sujeito na narrativa. Ele assim conserva a memória e traz consigo a manutenção da cultura e da tradição. Rompe com a natureza em nome da conservação de seu eu que luta incessantemente para impedir que um impulso ou instinto imperem nas suas ações porque, uma vez comandado por estes, corre o risco de perder o seu autocontrole e deixar de existir. A ordem de que “todos os resíduos do natural devem ser eliminados deste novo conceito de si” torna-se a condição de perpetuação do sujeito. O domínio de si, aliás, vem sendo a condição para o homem dominar a natureza exterior desde os mitos. “esta é a astúcia de Ulisses: ‘perder-se para se conservar, afastar o múltiplo para alcançar a identidade’” (MATOS, 1987, p.147. Cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.50-55). O homem deixa de ser um ser natural e racional para tornar-se um ser “sublimado no sujeito lógico e transcendental”, apenas um ponto de referência da razão. “esta autonegação em nome da autoafirmação é ‘o núcleo de toda racionalidade civilizatória’” (MATOS, 1987, p.148).

Nesse ínterim, os desejos e paixões revelam-se como uma “espécie de resistência marginal e interrogativa com relação à racionalidade” (MATOS, 1987, p.142). O amor, enquanto ato de entrega ao *outro*, é tão perigoso quanto os desejos e paixões. O amor, o desejo, as paixões, o sofrimento: são todas “anomias inquietantes” que não só “perturbam a ordem da razão” como atrapalham a busca pelo “segredo da natureza”. Segredo este que poderia dispor ao sujeito o controle do mundo. Segundo MATOS (1987), essa “renúncia torna o homem triste, e a necessidade do amor [...] converte-se em melancolia”. (MATOS, 1987, p.149). Ela define a melancolia como “[...] uma perversão da vontade que quer o objeto”; “uma reação à perda de um objeto amado” não identificado ao certo, pois nem mesmo o melancólico sabe ao certo definir o que ele perdeu. Ainda segundo esta comentadora, “Ulisses se torna melancólico porque o objeto renunciado continua a ser desejado” (MATOS, 1987, p.150) e porque “a racionalidade que o guia é hostil [...] a sua própria morte e a sua felicidade” (MATOS, 1987, p.153).

Há também outra interpretação a respeito do efeito dessa renúncia no indivíduo em Adorno e Horkheimer. Ela pode ser extraída dos textos que revelam a influência de Freud nos autores. Dentre eles estão o que discute sobre a personalidade autoritária e da sua análise da propaganda fascista americana (ADORNO,1951). É possível auferir da leitura desses textos que o indivíduo, ao renunciar seu lado natural, torna-se um recalcado. Esta interpretação, porém não será tratada aqui. Pretendo, no entanto, abordá-la em um trabalho futuro.

O que se conclui dessa perpetuação da renúncia do homem ao seu lado natural e dessa mel-

ancolia que sucede a renúncia é que a razão “abstrata e calculadora” (MATOS, 1985, p.152), idealizadora da “aliança entre a geometria e a melancolia” é incapaz de nos livrar do medo e da angústia de uma vez por todas. Ela é apenas “a renúncia convertida em autonomia” (MATOS, 1987, p.154). Haveria ainda um modo de livrar os homens na perspectiva de Adorno e Horkheimer? Ou estaríamos todos condenados à renúncia, à infelicidade, à manipulação, para os autores?

## 1.2 O esclarecimento como promotor da autonomia

A resposta é não: para os autores, não só há uma forma de se pôr fim ao sofrimento humano aqui tratado como este está presente ainda no próprio esclarecimento. Em alguns trechos da *Dialética* os autores afirmam que o mesmo esclarecimento que é responsável pela regressão dos homens à barbárie é a única solução possível para subverter o *status quo* e fazer com que a humanidade volte a buscar uma sociedade mais humana formada por indivíduos livres e capazes de promover o bem comum. Esta ideia representa inclusive uma contraprova para a acusação de pessimismo aos autores. Eles parecem não duvidar, por conseguinte, de que “[...] a superioridade do homem está no saber”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.17) e não rejeitam pura e simplesmente o esclarecimento nem, muito menos, condenam os homens, como alguns leitores podem vir a interpretar em seus escritos, a um eterno processo de dominação, mas, ao contrário, depositam no próprio esclarecimento a confiança para a libertação do indivíduo da opressão por ele sofrida.

Somente o esclarecimento que não se realiza conforme o modelo cientificista, que se realize do modo como gostaríamos que fomentasse, como apontado anteriormente, a felicidade e bem estar humanos, que assimile a arte, a filosofia, e outras áreas do conhecimento em que há espaço para a pluralidade, para a alteridade, para a promoção de uma educação que fomente a autonomia do indivíduo, isso seria possível<sup>10</sup>. Numa parte da *Dialética* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pp. 28-29), os autores afirmam que essa obsolescência de outros assuntos humanos ignorados pelo esclarecimento em voga (o do modelo cientificista) também é estendido para a arte. Eles afirmam que “enquanto expressão de totalidade, a arte reclama a dignidade do absoluto” e que isso “[...] às vezes, levou a filosofia a atribuir-lhe prioridade em face do conhecimento conceitual” mas “só muito raramente o mundo burguês esteve aberto a semelhante confiança na arte” e, quando esteve, visava utilizá-la como meio para seu fim. A solução para a dominação sofrida pelos homens, segundo os autores, e também para o fim da barbárie está na promoção desse tipo de linguagem, hoje tão desprovida de crédito, em se tratando da produção de conhecimento no mundo contemporâneo.

Uma vez que o indivíduo conseguir traçar seu próprio caminho, ele poderá criar novas possibilidades para a sua vida, para a linguagem que utiliza e também para a própria sociedade em que vive. A própria superação do sofrimento causado pela renúncia dos desejos latentes ao indivíduo pressupõe a promoção da própria autonomia como condição. Pois só a partir dela é possível que alguém saia de um estado de heteronomia e também consiga tomar consciência de seus desejos e necessidades e busque a partir daí uma reconciliação com a sua própria natureza. Nesse sentido, o esclarecimento a ser fomentado para pôr fim ao sofrimento dos homens causado pela renúncia à sua natureza inter-

10 Cf. DUARTE, 1993, p.90.

na é aquele capaz de concretizar a conciliação humana com a natureza, acabando com o temor em relação a natureza externa e proporcionando um controle **equilibrado** em relação ao domínio da nossa própria natureza:

*pois o momento esclarecedor aí, que termina com a conciliação com a natureza, à medida que resolve o temor da mesma, está irmanado àquele conceito do domínio da natureza. Modelo do progresso, mesmo transposto em divindade, é o controle da natureza extra e intra-humana. (ADORNO, S35 apud DUARTE, 1993, p.88).*

Ademais, é digno de nota afirmar que esse esclarecimento mais instrumental do modelo cientificista não é de todo ruim. Pelo contrário. Ele nos proporciona uma série de benefícios que vão desde a oferta de uma vida mais confortável até a cura de doenças e o alívio das dores por ela provocadas. Ele só não está sempre a serviço do bem comum; ou seja, nem sempre é utilizado como ferramenta para pensarmos naquilo que interessa ao coletivo. Principalmente porque tal conhecimento sempre é detido por um número restrito de pessoas que em geral o utiliza-o como instrumento de dominação, poder e principalmente lucro. Seu uso prático ficou atrofiado e por isso não consegue abarcar questões cruciais para a humanidade como, por exemplo, o agir ético dos homens; tão útil quanto à técnica desenvolvida nos dias atuais - que nos possibilita, por exemplo, o conforto que temos atualmente (em comparação ao passado, em que possuíamos instrumentos mais rudimentares como ferramentas para o desenvolvimento de atividades) em nosso cotidiano.

A regressão da humanidade nessa caminhada rumo ao esclarecimento parece se expressar de forma mais clara nos dias atuais quando a barbárie se manifesta. Ela é inclusive, penso, a maior evidência de que há campos do esclarecimento humano sendo ignorados nos dias atuais. Não é por acaso que as ditas ciências humanas, juntamente com as artes e todo e qualquer conhecimento que não seja capaz de se transformar em técnica e, com ela, capital, vêm sendo taxadas como discurso desprovido de importância. Este parece ser também o ponto de vista dos autores. Vejamos o que eles afirmam no prefácio da D.E., quando estão a dissertar sobre a pesquisa que realizaram para a confecção da obra

:

*Nosso desempenho devia restringir-se, pelo menos tematicamente, às disciplinas tradicionais: à sociologia, à psicologia e à teoria do conhecimento. Os fragmentos reunidos aqui mostram contudo que tivemos que abandonar aquela confiança (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.11).*

Para conseguir se livrar da dominação sofrida pelo papel social imposto a ele pela sociedade e poder, como indivíduo autônomo (no sentido kantiano do termo), ser o senhor de seu destino, os homens precisarão se esclarecer. Só através do esclarecimento, nos moldes já apontados, o indivíduo consegue tomar consciência do todo para, de algum modo, conseguir se resguardar do que é a ele imposto. O trecho abaixo parece corroborar o que aqui afirmo: “não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.13). Como promovê-la? Bem, esse já é um processo moroso e bastante complexo, à medida que engloba a todos os homens e ao mesmo tempo



depende de cada um deles para ocorrer. Por isso mesmo, talvez nem seja possível de ocorrer.

### **Bibliografia**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. [1951] **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 7ª edição. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1995. Versão digital completa disponível em: [www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-educacao.pdf](http://www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-educacao.pdf)

\_\_\_\_\_. **Elementos sobre o antissemitismo**. In: **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar, 1985, pp. 139-171.

\_\_\_\_\_. [1950] **Introdução a “personalidade autoritária”**. Tradução de Francisco Rüdiger. Disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno24.htm>

\_\_\_\_\_. [1951] **A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda**. Tradução de Francisco Rüdiger. Disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno23.htm>

DUARTE, Rodrigo A. de P. [1993] **Domínio da natureza enquanto ponto central de uma filosofia da História**. In: *Mimesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno*. São Paulo, Loyola, 1993, pp. 57-96. (Coleção Filosofia).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. [1997] **Do Conceito de Mimesis no Pensamento de Adorno e Benjamin**. In: *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: editora Imago, 1997, pp. 81-106. Versão digital da obra completa disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/93845323/Livro-Sete-Aulas-Sobre-Linguagem-Memoria-e-Historia-Jeanne-Gagnebin>

MATOS, Olgária. [1987] **A melancolia de Ulisses**. In: CARDOSO, Sérgio ... (et. al.) *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, pp. 141-157.